

# MULHERES QUE ESCREVEM NA CIDADE DO UNA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA VALENCIANA DO SÉCULO XX

## *WOMEN WRITERS IN THE UNA'S CITY: THE FEMALE PARTICIPATION IN THE VALENÇA PRESS OF THE 20TH CENTURY*

Gilson Antunes da Silva  
IFBA

**Resumo:** Analisa a participação feminina na Imprensa de Valença (Bahia) durante o século XX, a fim de dar visibilidade às mulheres que publicaram nos jornais locais e contribuíram com o desenvolvimento desses hebdomadários. Para tanto, seleciono oito jornais editados na cidade durante esse século, a fim de identificar textos de autoria feminina e analisar suas temáticas. As conclusões apontam para uma pequena expressividade de textos produzidos por mulheres, para um distanciamento das pautas feministas que se desenrolavam no plano nacional, para o predomínio de textos literários e para a inserção dessas mulheres no campo literário da cidade nesse século, formado, predominantemente, por homens.

**Palavras-Chave:** Imprensa. Vozes femininas. Valença-BA, Século XX.

**Abstract:** *It analyzes the female participation in the Press of Valença, Bahia, during the twentieth century, in order to give visibility to the women who published in the local newspapers and contributed to the development of these "hebdomadários". For this purpose, I select eight newspapers published in the city during the 20th century, in order to identify texts written by women and analyze their themes. The conclusions point to a small expressiveness of texts produced by women, to a distance from the feminist agendas that were unfolding at the national level, to the predominance of literary texts and to the insertion of these women in the literary field of the city in twentieth century, which was made up, predominantly, by men.*

**Keywords:** *Press. Female voices. Valença-BA, 20th Century.*

## INTRODUÇÃO

Na introdução de sua *Breve história do feminismo no Brasil* (1999), Maria Amélia de Almeida Teles apresenta algumas justificativas que sustentam seu projeto de falar de mulher. Eu as retomo aqui e delas faço uso (ao meu modo) para apresentar um breve panorama da história da imprensa de Valença- Bahia a partir da participação feminina. Falar de mulher não implica apenas o desejo

de vê-las reinscridas nessa história local ou na história da literatura que aí se desenvolveu. Trazê-las à baila é, como pensara Maria Amélia Teles, assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos; é acreditar na transformação dessa condição; é solidarizar-se com todas essas mulheres que, à sua maneira, desafiaram o *status quo* estabelecido no seio de uma sociedade machista e dominadora; é compreender que o “direito ao grito” pertence a todas e que nem sempre é fácil fazê-lo ecoar nos meios de comunicação, quando esses meios são de exclusividade masculina.

Segundo Maria João Silveirinha (2012), o lugar e a importância que as mulheres tiveram na história do jornalismo continua ainda muito invisível e – sobretudo – pouco problematizado. Nesse sentido, objetiva-se, neste texto, trazer à baila textos produzidos por mulheres e publicados nos jornais que circularam na cidade de Valença (Bahia) durante o século XX. Parto da hipótese de que, nesses textos, as autoras acompanharam o desenvolvimento dos debates em torno das questões femininas e feministas que se desenrolavam no âmbito nacional. Trata-se de um trabalho inédito nessa cidade, uma vez que esse mapeamento ainda não foi realizado por nenhum pesquisador. Desse modo, além de dar visibilidade às autoras que caminharam à margem do campo literário local, contribuindo para aquilo que Silveirinha (2012) chamou de não-ossificação da história do jornalismo, este texto servirá de fonte para outras pesquisas em torno dessa temática. Tomamos como *corpus* 8 jornais editados no século XX, totalizando 261 edições. A partir da identificação dos textos escritos por mulheres (apenas 53), fizemos a análise, a fim de flagrar a temática neles desenvolvida, com o intuito de identificar elementos ligados às questões femininas. Este texto integra as atividades desenvolvidas no Grupo de Pesquisa em Linguagens, Culturas e Ambientes (GLICAM) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano, *Campus* Valença), mais especificamente a linha que coordeno intitulada Literatura e Cultura do Baixo Sul da Bahia.

## **BREVE NOTÍCIA ACERCA DA HISTÓRIA DA IMPRENSA VALENCIANA**

Valença é um município situado na faixa litorânea do Estado da Bahia, limitando-se ao norte com o município de Jaguaripe, ao sul com o município de Taperoá, a oeste com Tancredo Neves e a leste com o Oceano Atlântico. Territorialmente, Valença está inserida no Baixo Sul juntamente com outros catorze municípios. Esse território, por sua vez, ocupa uma área de 7.168,10 km<sup>2</sup>, correspondendo a aproximadamente 1,14% do total do estado da Bahia. A maior parte de seus habitantes, cerca de 320 mil, vive na zona rural e em sua faixa litorânea, que se estende desde a foz do Rio Jaguaripe até a foz do Rio de Contas. (ICÓ, SANTOS e OLIVEIRA, Icó, 2009).

A história da Imprensa em Valença tem início no século XIX, sessenta e dois anos após a fundação do primeiro jornal no Brasil, o *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808). Nessa cidade, somente em 22 de abril de 1870, surge a publicação do *Jornal de Valença*. Trata-se de um periódico literário, noticioso e comercial de publicação semanal cujo editor-proprietário era o senhor Francisco

Alexandre de Almeida. Ainda no século XIX, surgiram outros hebdomadários, agitando a vida política, social e cultural de Valença: *O Perylampô* (1871-72), *Echo do sul* (1879), *O tempo* (abril de 1882), *O Valenciano* (1882, que substituiu o *Jornal de Valença*), *A Aurora* (1883-84, periódico literário, noticioso e comercial de propriedade de Álvaro Cordova Bandeira de Mello), *O Occaso* (1884), *A União* (1886-1889), *Gazeta de Valença* (1886-1893, periódico literário, noticioso e comercial, de publicação semanal, editado pelo proprietário Manoel Leite Ribeiro), *O Inspirado* (1887-88, dirigido por Gonçalo Junior, era um periódico literário charadístico), *O Relâmpago* (1887), *O Inspector* (1888) *O Amigo do Povo* (1889), *O Popular* (1890, periódico literário, noticioso e comercial cujo diretor era Antonio José de Siqueira), *Tribuna Republicana* (1890), *A Actualidade* (1891-92), *O Esforço* (1894, de pequeno formato, era uma Revista literária que saía quinzenalmente), *O Povo* (1893-96), *O Motivo* (1894), *O Município* (1894-95, era órgão do Partido Republicano constitucional cujo proprietário era Gonçalo Junior), *A Verdade* (1895), *O Poder da Vontade* (1897, Revista mensal, Órgão da Sociedade Progressista Valenciana e tinha como editor responsável Gonçalo Junior), *O Filbo* (1898), *A Vida Valenciana* (1898-1911, Periódico literário e noticioso e tinha como diretor Gonçalo Junior), *O Labaro* (1899, Hebdomadário literário e noticioso cujo redator era Guimarães Cova).

Já no século XX, os periódicos, em Valença, ganham impulso e vivem até os dias atuais. Em 1900, surge o jornal *A opinião* (1900-1901), “Órgão de defesa dos interesses sociais”, de publicação semanal que se dava na Tipografia d’*A Vida Valenciana*. Reaparece em 1903 sob a direção de Figueredo Filho. Em junho de 1902, surge *O Pimpolbo*, periódico literário em pequeno formato de propriedade do senhor Ernesto Malheiros. Entre 1902-1903, circulou, aos domingos, o *Correio de Valença*, sob a direção de Theodorico da Fonseca e era dedicado aos interesses da lavoura. *A Perola* surge em 15 de setembro de 1903 e era impresso na Tipografia d’*A Vida*. Impresso nessa mesma tipografia, *O Bohemio* surge em março de 1904. Já *O Horisonte* (1904-1905), saía às sextas-feiras e era um órgão de defesa dos interesses do comércio, da lavoura e das artes. Em novembro de 1904, surge também *O Gato Preto*, em pequeno formato. Em 1907, aparece *O Frade*. Em 6 de junho de 1907, surge o jornal *Brazil-Valença* de propriedade de Firmino Chaves. Trata-se de revista literária, recreativa e noticiosa que publicou apenas 40 números até março de 1908. Em agosto de 1907 é a vez de *A Tesoura* cujo proprietário era Balthazar Augusto. Ainda de 1907 é *O Diabo*. *A Evolução* (1908-1909) era um órgão de defesa da Maçonaria cujos proprietários eram os Obreiros da Loja Caridade e Luz. Já *O Operário* (1909-1911) era um jornal noticioso, literário e humorístico de propriedade de Ernesto Malheiro e direção do professor Leonidio Rocha. Depois passou a órgão do Partido republicano cujo redator e proprietário passa a ser Lindolpho Oliveira. (CARVALHO e TORRES, 2007).

A partir de 1911, surgem diversos outros jornais semanais. *O Clamor do Povo* (1911-1912). Em 1912, surge *A Tribuna do Povo*, de Balthazar Augusto, encerrando as atividades em 24 de dezembro de 1926. Em 1915, surge *O Clarim*, do poeta José Malta, órgão chistoso e literário. Em 1918, é a vez de *O Éco da Saúde*. José Malta novamente cria outro jornal em 1919 denominado *A Bomba*. Em 1922, o mesmo poeta funda mais outro jornal: *O Relampago*. Alcides Lopes funda *O Raio* em 1922 e *O Rebate* em 1924. Neste mesmo ano, surge *O Grito*, de propriedade de Manoel Dionísio

de Oliveira e Sousa. Já Dr. Oscar Rosário funda *A Notícia* em 1926, enquanto Eduardo Araújo Queirós cria *O Combate*. Em 1928, é a vez de *O Maricabo*, de Gabriel da Luz, seguido de *O Industrial* (1929) de Ernesto Malheiros. Em 1º de janeiro de 1930, Samuel Lacerda funda *O Comércio*, seguido de *A União* (do Cônego André Costa), *O Maribondo* (de Alcides Lopes), *O Espião*, *O Jornal do Povo* e *O Correio Valenciano* (1933). Em 1936, Samuel Lacerda funda *O município*, sucessor de *O comércio*. Trata-se de um “semanário político, literário e noticioso, dedicado aos interesses gerais e do povo valenciano, como coletividade autônoma e como parte integrante da grande comunhão brasileira”. Em 27 de maio de 1933, é lançado *O Provisório*, sob a direção de Samuel Lacerda, como Semanário independente, noticioso e literário. Em virtude da censura local, substituíra *O Comércio*. Em 1933 (25 de fevereiro), surge ainda o *Correio valenciano*, dirigido por Ernesto Malheiros.

Merecem destaques ainda os periódicos *O Papagaio* (de Alysson Magalhães Freitas, fundado em 1956 por Raimundo Mendes), *Valença Oficial*, órgão do município de Valença, fundado em 1940, *O Estádio* (de Nelson Teixeira), *A Notícia* (do professor Brasília Machado da Silva), *A Semana* (de Álvaro Maciel, fundado em 1948) e *O Caráter* (de Raimundo Galvão). A partir da segunda metade do século XX, teremos outros grandes jornais como o *Jornal de Valença*, fundado em 1963. Seu primeiro número sai no dia 16 de fevereiro desse ano. Seu diretor-proprietário era Waldemar Magalhães Teixeira. Seguiram a esses o jornal *Folha da Cidade* (fundado em 1964, que tinha como diretor Valdemar Teixeira), *O Manacá* (fundado em 1973 por José Bulcão Oliveira), *O Araújo* (fundado em 1971 por Ivanmar Batista de Queiroz), *O Caduceu* (maio de 1965, órgão do Grêmio Lútero-Esportivo Dr. Mustafá Rosemberg e que tinha como diretor Péricles Queiroz do Lago) e o *Valença Agora*, fundado em 2001 por Dimpino da Purificação Carvalho.

O que se desenha nesse histórico é a presença quase invisível de rostos femininos na construção dessa imprensa. Ao analisar os poucos exemplares de alguns desses jornais que ainda resistem em arquivos públicos ou pessoais, constata-se a hegemonia masculina tanto na direção quanto na construção dos textos que circularam nesses semanários. Em relação aos jornais editados no século XIX, nos exemplares que sobreviveram (duas edições do *Gazeta de Valença* -1888 e 1889 e duas do *Jornal de Valença* – 1881 e 1887), não há nenhuma participação feminina.

Quando se volta para a historiografia da imprensa e do jornalismo, conforme Maria João Silveirinha (2012), o que fica evidente é o discurso de que o fazer jornalístico fora uma invenção masculina, sequestrando a participação das mulheres da construção dessa história. Apesar de a inserção feminina ter-se dado desde o século XIX, uma vertente da imprensa tentava negar essa participação e a sua importância.

A história da imprensa valenciana do século XX é, portanto, masculina. E predominantemente masculina também é a literatura que daí emerge. Poucas são as mulheres que sobressaem nesse universo. Basta observar o grupo de escritores que fazem parte da história da literatura local para constatar a quase inexistência de mulheres e mais ainda quando se fala de mulheres negras. Essas, se houve, até então não foram descobertas. Fábio Luz, Nathan Coutinho, Cícero Mendes, Elmano Amorim, Newton Libertador, Álvaro Maciel, José Malta, Galvão de Queiroz, Manuel Ribeiro, etc, compõem esse painel de autores que movimentaram o cenário literário de Valença ao mesmo

tempo em que faziam circular suas ideias semanalmente nos principais jornais que eram editados nessa cidade. Nesse sentido, o campo literário valenciano constrói-se *pari passu* ao desenvolvimento dos jornais, de modo que, se eram os homens os principais alimentadores desses hebdomadários, obviamente que as mulheres saíam em desvantagens ao ficarem às margens desse cenário. Daí a necessidade de fazer um percurso por esses semanários e recolher essas vozes que por aí circularam, a fim de reavivá-las e reinseri-las na história da imprensa e da literatura local.

## **ENTRE A LIRA, O LAR E A ESCRITA: A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA IMPRENSA VALENCIANA**

A história das mulheres no Brasil foi marcada, nos anos iniciais do século XX, por alguns fatos importantes. Desde os anos finais do século anterior que a Imprensa feminina já despontara e desenvolvera no país, com a edição de *O Jornal das Senhoras* (1852), seguido de *O Sexo Feminino* (1873), *O Eco das Damas* (1879), *O Direito das Damas* (1882), *A Família* (1888) e da revista *A Mensageira*, dirigida pela poetisa Presciliana Duarte de Almeida. No início do século XX, implantou-se a República no Brasil, o trabalho tornou-se assalariado, as cidades cresceram e, com isso, aumentou também a exploração dos trabalhadores, essa classe operária que despontava na recém República. A abolição da escravidão deixou exposta suas grandes mazelas. A mulher negra passou a garantir sozinha a sobrevivência de sua família, uma vez que não havia espaço de trabalho para o negro liberto. A mulher operária, agora duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha os salários mais baixos e as jornadas de trabalho maiores. Nesse período, surgiram muitos movimentos em que as mulheres se destacaram, tais como a greve das tecelãs de Jundiá (SP), a aprovação da luta pela regulamentação do trabalho feminino em 1906, no I Congresso Operário Brasileiro, movimento pelo voto das mulheres com direito a passeata e manifestações públicas, fundação, em 1920, da Liga para a Emancipação Internacional da Mulher (TELES, 1999).

Em Valença, os primeiros anos da República marcam um grande desenvolvimento. Surge o bairro do Tênto, antiga aldeia de pescadores, inaugura-se o Teatro Municipal de Valença (1910), em estilo colonial, considerada uma das melhores obras arquitetônicas da Bahia na época, começa a construção das primeiras 143 casas da Vila Operária para os funcionários da Companhia Valença Industrial (CVI), além da oferta de escola gratuita e creche para seus operários. Nesse período, Valença possuía nove escolas e uma população de 22.658 habitantes, sendo 10.481 homens e 11.177 mulheres (OLIVEIRA, 2009).

Nos exemplares encontrados dos jornais que circularam nas duas primeiras décadas do século XX, já flagramos uma participação feminina ainda que incipiente e voltada – sobretudo – para o campo da Literatura. Nas dez edições do semanário *O operário*, por exemplo, tem-se a colaboração de “Uma jovem literata”. É este o título que anuncia a estreia de Cyphisia Silva no mundo jornalístico. Além desse epíteto, o texto traz outras características da moça: senhorita que possui além de uma primorosa educação, inteligência e esmerado preparo intelectual, dando-lhe direito a futuro ingresso na galeria das nossas ilustres intelectuais. Na edição de 02 de abril de



1911 (Nº 76), publica-se o conto “Nahyda” da jovem estreante, filha do professor Deoclécio Silva, que era redator-chefe do jornal e também literato. Trata-se, portanto, de um caso peculiar, uma vez que, além de ter em casa alguém que habita o mundo das artes, a jovem encontra as portas do jornal abertas, favorecida pela relação de parentesco com seus dirigentes. Na edição de Nº 78 (23/04/1911), publica-se outro conto da filha do redator. O conto “Tiradentes” aparece alocado numa coluna específica denominada “Congresso de Letras” que, em outras edições, será alimentada pelo próprio redator-chefe com seus textos literários.

A partir dos anos vinte até a década de 1950, muitos jornais de grande importância para a história da Imprensa local tiveram circulação e vida longa na cidade de Valença. Apesar disso, nenhuma mulher se destacou como redatora ou até mesmo como colunista, quiçá como colaboradora. Aparecem, de forma esparsa, colaborando – sobretudo – com textos literários, mas sem nenhuma regularidade. Nesse período, a cidade viveu um grande momento de desenvolvimento econômico, social e cultural, marcado pela expansão econômica e pela atuação da Construtora Odebrecht na cidade, desenvolvendo projeto de engenharia inovador e fundamental para a região. Conforme dados do CENSO DEMOGRÁFICO 1950 do IBGE (1955), no início dos anos 50, o município de Valença tinha 33.057 habitantes, sendo 16.135 homens e 16.922 mulheres. Destas, apenas 3.763 sabiam ler e escrever, apenas 745 possuíam o curso elementar completo, somente 52 tinham concluído o ensino médio e só uma possuía nível superior completo. Eram, na sua maioria, católicas e exerciam atividades domésticas (8.013 mulheres).

Das 41 edições analisadas do jornal *O Comércio* entre os anos 1933 a 1935, a participação feminina deu-se, sobretudo, na contribuição com textos literários. Encontram-se, nessas edições, seis textos (poemas e crônicas) de Haydée Machado Marques Porto, escritora valenciana que vivia no Rio de Janeiro. Como Galvão de Queiroz, Haydée colaborava com os jornais locais, enviando seus textos para serem publicados em Valença. A biografia dessa autora ainda é desconhecida. Sabe-se que fez parte do movimento Integralista (primeira geração) e participou da antologia *Enciclopédia do Integralismo*. Colaborava com a *Revista Beira-Mar* (1922-1944) do Rio de Janeiro. Encontra-se, ainda, nesse semanário, um artigo de autoria de Maria da Penha, intitulado “A mulher em face da presente organização (*sic*) social”, datado de 22 de abril de 1933 (edição número 14), em que a autora trata exclusivamente de assuntos relacionados ao universo feminino. Inicia o texto destacando a participação feminina nos vários ramos das atividades humanas. Isso, segundo a autora, tem sido feito com muita competência e determinação.

Já se foi, bem longe, a era em que lhe faltava autoridade e mesma austeridade para o desempenho de certos encargos Moraes e materiaes e ella hoje se revela competente para cumprir as mais exigentes tarefas, as mais rudes campanhas na incessante peregrinação pela vida, sendo que, muitas vezes, sua sensibilidade congênita lhe abre horizontes mais claros no desempenho de certas profissões (PENHA, 1933, p. 03)

Em seguida, Maria da Penha evidencia sua indignação em relação à distinção feita entre as

capacidades masculinas e femininas no exercício de suas funções para reivindicar a equiparação. “Justo é, portanto, que os direitos de ambos sejam equiparados, equidistantes e equivalentes e que ella, pela conquista do direito do voto, possa ter ingresso nas grandes porfias, como seja a gestão dos públicos negócios”. (PENHA, 1933, p. 03). A autora conclui afirmando que, com a inserção igualitária da mulher nos postos usurpados pelo homem, a organização social brasileira só terá a ganhar com isso.

Segundo Margareth Rago (2004), durante esse período, a crescente incorporação da mulher no mercado de trabalho, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Ao passo que o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como ninho sagrado onde imperava a “rainha do lar” e o “reizinho da família”. Nesse sentido, o trabalho fora do lar era uma forte ameaça à estrutura familiar, trazendo-lhe o risco de desagregá-la. Em virtude disso, o discurso que exaltava a ideologia da maternidade ganhou força entre os homens. Portanto, “Ser mãe, tornou-se a principal missão da mulher num mundo em que se procurava estabelecer rígidas fronteiras entre a esfera pública, definida como essencialmente masculina, e a privada, vista como lugar natural da esposa-mãe-dona de casa e de seus filhos” (RAGO, 2004, p. 591). É, portanto, contra esse *status quo* que se insurge o discurso de Maria da Penha no artigo em questão, combatendo uma ideologia que insistia em encurralar a mulher nos espaços domésticos. Além desses textos, *O Comércio* veicula outros sem autoria certa, sob a rubrica dos pseudônimos femininos, tão recorrentes à época. Também de natureza literária, há dois textos atribuídos a VIOLETA: um poema e uma pequena nota intitulada “Pensamento”. Este volta-se para as questões políticas; aquele, para os vícios do homem. Violeta, no poema “Coisas que não gosto”, apresenta uma série de vícios do homem e vai, num tom humorístico, ridicularizando-os. “Que atropelando a justiça/Só com virtude postiga/Se premeia o delinquente,/Castigando o inocente/Por um lerdo pensamento: ANJO BENTO” (VIOLETA, 1933, p. 04).

Os pseudônimos, conforme Maria Suca Francisco Tona (2018), são adotados por diferentes razões pessoais ou por imposições do próprio contexto situacional. Eles têm a capacidade não só de esconder ou ocultar a verdadeira identidade de quem nele se esconde, mas também são adotados para se proteger das perseguições políticas, da censura, das críticas sociais, para preservar uma carreira sigilosa, para escapar dos preconceitos de gênero e dos estereótipos implantados em uma sociedade falocêntrica. Servem ainda como estratégias de *marketing* ou também para proteger o autor de suas façanhas.

O universo literário, desde sempre, foi atravessado pelo uso de pseudônimos. Para Maingueneau (2016), o discurso literário favorece a pseudonímia, o mascaramento, o espetáculo, o ornamento, as ambiguidades e o nomadismo. As escolas literárias foram palco constante dessa prática, cujos autores faziam uso de nomes fictícios tanto masculinos quanto femininos. Talvez, no Brasil, o Arcadismo foi a que mais fez uso desses pseudônimos, como Marília, Dirceu, Alceste, Glauceste Satúrnio, Termindo Sipílio, Glaura, etc. No universo literário feminino, muitas mulheres se ocultaram sob o véu do pseudônimo para poderem se expressar poeticamente. Muitas delas,

valeram-se de pseudônimos masculinos para fazer o que a sociedade ainda condenava a respeito de seu gênero. No jornalismo valenciano do século XX, apesar de serem encontrados poucos casos de mulheres que faziam uso de nomes fictícios, elas já o fazem no feminino mesmo. Acredito que a escolha era motivada para se proteger dos julgamentos e escapar de certos preconceitos sociais, uma vez que elas escreveram ainda na primeira metade do século XX, numa cidade católica, conservadora e numa imprensa predominantemente masculina.

Outro grande jornal desse período foi *O Município*, dirigido por José Malta e editado por Samuel Lacerda. Nas 80 edições analisadas, encontramos apenas onze textos de autoria feminina, sendo nove de natureza literária (escrito provavelmente por autoras locais) e dois não literários, produzidos por autoras de outros estados, que colaboravam com o jornal. Esses dois textos, por sua vez, refletem sobre questões ligadas ao feminino.

O primeiro deles é o de Rachel Crotman (1907-2007, Rio de Janeiro), jornalista, escritora, tradutora e emissora que trabalhou muito tempo no Itamaraty. Seu texto “O voto” aparece na primeira página da edição de número quinze (11 de abril de 1936) e discute, como o título antecipa, o voto feminino como “manifestação mais inteligente do instinto de conservação política”. Após refletir sobre pequena parcela de mulheres que realizaram o alistamento feminino, a autora esclarece as razões disso e afirma que o fato de as mulheres começarem a votar está estimulando os homens a correrem às urnas em virtude da concorrência feminina. A autora finaliza seu texto conclamando as mulheres a irem às urnas:

Votem todas, que ao vosso lado não deixarão de comparecer os homens, ciosos de manter a sua supremacia, e assim tereis prestado à nação um imenso benefício. E a feminista continuará sendo para o homem o que a mulher sempre foi e desejou ser: um estímulo ainda (CROTMAN, 1936, p. 01).

Muito semelhante a essas reflexões é o texto de Carmen de Faro Lacerda, intitulado “O dever de votar” que foi publicado na edição de número 92 (02 de outubro de 1937), também na primeira página do jornal. O texto é uma verdadeira súplica de uma mulher que deseja que as outras exerçam seu dever. Inicialmente, Carmen apresenta uma série de justificativas acerca da abstenção, como um gesto, sobretudo, antipatriótico, já que mostra a indiferença pelos destinos da pátria. Deixar de votar é “uma cumplicidade com o erro, porque é deixar-lhe o campo livre” (LACERDA, 1936, p. 01). Em seguida, é a vez de a autora conclamar as companheiras a irem às urnas e, para tal, precisam fazer o título de eleitor. “Brasileiras, sem hesitação, sem demora, amanhã mesmo, alistai-vos como eleitoras, porque o Brasil pediu vossa colaboração e confia nela!” (LACERDA, 1936, p. 01).

Quanto aos textos literários publicados nas edições de *O Município*, dois são de Haydée Marques Porto. Os outros sete são atribuídos aos pseudônimos Arabela (quatro textos), Rian (dois) e Lóry Sette (um). Os textos de Arabela, em prosa poética, são carregados de idealizações e subjetivismo. Exaltam o amor, fantasiam a figura do amado, lamentam o desencontro amoroso e, acima de tudo, idealizam a relação amorosa, conjugando elementos românticos e simbolistas. Já



Rian figura no jornal como pseudônimo na edição de número 27, em 04 de julho de 1936, sendo anunciado nos seguintes termos:

O Município muito se alegra pelo ingresso de RIAN, no seu seletor corpo de colaboradores.

Trata-se de um pseudônimo que oculta uma inspirada e encantadora beletrista, ainda “menina e moça”, por isso de muito futuro nas letras baianas.

HAYDÉE, ARABELA e, agora, RIAN constituem as três “Graças”, que embelezam e perfumam as colunas desta modesta folha (O MUNICÍPIO, 1936, p. 01).

Os textos de RIAN semelhantes aos de Arabela, são matizados de subjetivismo e amor rasgado, mesmo quando reflete sobre uma noite de São João ou quando indaga ao amado “Por que não vens?”

Por fim, o texto de Lóry Sette, publicado em 15 de maio de 1937, segue a mesma direção temática e o mesmo padrão estrutural. Trata-se de um poema em prosa que reflete acerca de um romance ideal, pautado na ausência de diálogo e concentrado apenas na linguagem do olhar. “Continuemos assim apenas olhando-nos de soslaio, cada um imaginando e vivendo a seu modo o nosso romance” (LÓRY SETTE, 1937, p. 03).

Em vinte e seis edições do jornal *O Provisório* (1933), foi publicado apenas um texto de autoria feminina. Entretanto, essa escritora não pertencia à sociedade local. Trata-se de outro texto de Rachel Crotman, intitulado “O momento feminista brasileiro” e publicado na edição de nº 20, de 07 de outubro de 1933. A autora constata a afirmação das ideias feministas no Brasil e faz uma narrativa histórica acerca da inserção da mulher nas esferas sociais. Inicia o texto, evidenciando como as ideias feministas estão integrando o cotidiano das pessoas, como os jornais passaram a aceitá-las, mesmo os mais conservadores. Finaliza ratificando o fato de ser o feminismo uma ideia vencedora. “O feminismo quebrou o bloco de gelo que lhe opunha a velha sociedade desconfiada e cheia de preconceitos. De todos os lados partem elementos novos para enriquecer a corrente feminista vitoriosa” (CROTMAN, 1933, p. 01).

No plano nacional, a partir dos anos 50, alguns eventos importantes estão na pauta das lutas femininas. Em 1952, realiza-se a primeira Assembleia Nacional de Mulheres. No ano seguinte, houve uma manifestação contra a carestia de vida em São Paulo e é dirigida por mulheres. Em 1956, realizou-se a Conferência Nacional de Trabalhadoras no Rio de Janeiro. Juscelino Kubtschek suspendeu o funcionamento das organizações femininas. Segundo Teles (1999), as lutas femininas desse período estavam ligadas às questões concretas como o enfrentamento da carestia, da falta de água, a defesa da infância e da maternidade, o desenvolvimento do ensino e de creches. No que tange às questões políticas, as mulheres se destacaram na luta pela anistia, pela democracia, pela defesa das riquezas nacionais e em prol da paz mundial. Com o Golpe de 64, essas associações femininas praticamente desapareceram, voltando a tomar impulso a partir dos anos 70, com o Ano Internacional da Mulher. A partir de 1975, ressurgiu a imprensa feminina com a edição de

*Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*, atingindo a opinião pública e denunciando a condição da dona de casa e da operária. As mulheres começam a lançar suas teias de articulação, organizando-se em diversos pontos do país. Nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, os grupos feministas assinalavam os momentos mais expressivos de divulgação de suas ideias libertárias.

No plano local, começam a surgir as primeiras agências bancárias, acompanhando o desenvolvimento da cidade. Valença tinha na produção industrial sua mais importante atividade econômica. Em 1956, o município possuía mais de 60 escolas, três bibliotecas. Nessa época, era a única cidade do interior da Bahia que possuía cinema, que funcionava no Teatro Municipal. A partir de 1971, segundo Edgard Oliveira, a cidade entra em declínio de seu apogeu econômico e cultural. A partir da segunda metade do século XX, surgem outros grandes jornais na cidade de Valença e a participação feminina nesses semanários ora conserva o modelo dos períodos anteriores, ora ganha uma direção mais aberta, no sentido de romper com o que até então era a tônica: a publicação predominante de textos literários. Em alguns jornais, a mulher passa a participar de forma mais incisiva, quer seja como diretora, quer seja como colaboradora. Dentre esses hebdomadários que ajudaram a escrever a história da cidade nesse período, destacamos os seguintes: *Folha da cidade*, *Jornal de Valença*, *O Aráivid*, *O Manacá* e o *Jornal Valença Agora*.

Nas trinta e quatro edições analisadas do *Jornal de Valença* (1963), encontramos onze textos de autoria feminina, sendo um de Maria de Lourdes Chagas, um de Wirna Teixeira, um de Elisabel Gomes e oito de Marieta Queiroz. Nesse jornal, a participação feminina segue o modelo das décadas anteriores: escrevem literatura para ser divulgada nas páginas semanais. Segundo Buitoni (1981), os jornais na década de 50 ainda não levavam em consideração o público leitor feminino bem diferente do que faziam as revistas femininas. Para a autora, a impressão que se tem desse período é a de que “o jornal editava a página feminina mais para constar” (BUITONI, 1981, p. 85).

O poema de Elisabel Gomes (“Coitado”) personifica o coração para refletir sobre o desencontro amoroso e as agruras resultantes desse estado. “Se o coração falasse/ das coisas que o peito sente/ Talvês (*sic*) não houvesse tristeza/ na alma de muita gente” (GOMES, 1963, p. 05). Já o de Wirna Teixeira, numa perspectiva metapoética, reflete sobre o próprio ato, enquadrando sua poesia no âmbito do sofrimento e, ao mesmo tempo, da libertação. As duas primeiras estrofes situam seu fazer poético no mundo da falta: “Os meus versos são tristonhos/ Que, meus sonhos/ Revivem suspiros e “ais”/ Também são tristes anelos/ Puros, belos/ Que retratam madrigais”. Em seguida, a poeta enquadra sua poesia no campo da liberdade de expressão, quando afirma que “Os versos que são meus gritos/ Não transcritos/ São tachados de “impuros”/ Ai... saudades do passado/ Doces brados/ Também são belos e puros” (TEIXEIRA, 1963, p. 07). Por fim, o texto da professora Maria de Lourdes Chagas é retirado do livro autoral intitulado *As rosas de Cristina*. No poema “Um novo amor”, o sujeito poético, longe de lamentar as decepções amorosas, encoraja a amiga para que se liberte do sofrimento diante de uma separação. Usando verbos no imperativo, o sujeito se posiciona diante da dor da outra, revelando um sentimento de sororidade e empatia pela condição da que sofre. “Desperte! Vá e tome um novo amor./ Não sofra as penas da decepção./ Quem a queria e não quer agora/ Não vê as mágoas do seu coração./[...] Não tenha medo, é a

felicidade.../ Vá e escute a voz do novo amor./ Deixe o passado e vá sem ter saudade,/ Sem ter tristezas e sem ter rancor” (CHAGAS, 1963, p. 03).

Já Marieta Queiroz teve uma produção maior no âmbito dos jornais, mais especificamente, do *Jornal de Valença*. Marieta Queiroz é o nome artístico de Maria Hermínia Vasconcelos de Queiroz, nascida no dia 18 de setembro de 1887. Era filha de Aristides Galvão de Queiroz e de dona Maria Benedita Vasconcellos de Queiroz e teve uma existência totalmente dedicada à família, à pedagogia, às coisas sagradas e às artes, especialmente a música e a literatura. Dona Marieta Queiroz, Marietinha, Mary ou Tiêta (carinhosamente apelidada pelos mais próximos de seu convívio) foi uma grande mestra na cidade de Valença. Publicou várias crônicas e deixou muitos poemas escritos que estão sendo editados para uma futura publicação. Faleceu em 20 de julho de 1968.

Na tarefa de documentarista, em suas crônicas, Tieta fotografa o tempo de sua narrativa numa linguagem direta, objetiva, apesar de carregada de emoções com que, muitas vezes, relembra e atualiza o passado no qual, quase sempre, está inserida. Nesse sentido, podemos afirmar que as crônicas de Marieta Queiroz oscilam entre a objetividade do gênero e a subjetividade autoral. Dessa fusão resultam textos leves, equilibrados esteticamente e capazes de encantar e atrair a atenção de seus leitores. Seu olhar atento vasculha as sombras do passado para iluminar o presente e ofertar ao leitor pequenas notas de história, crítica dos costumes, sociologia da religião, antropologia e um pouco de filosofia. Ao correr de sua pena, a cidade de Valença vai sendo descortinada em suas múltiplas facetas, expondo-se ao leitor em suas diferentes manifestações culturais. (SILVA, 2018a; 2018b)

Na crônica “A Industrial” (QUEIROZ, 1963a), a autora recupera o tempo em que a embarcação servia ao povo desta cidade e tece – num tom fortemente nostálgico – algumas considerações acerca de sua funcionalidade. Entretanto, o que mais comove a cronista é o abandono da embarcação após 37 anos de serviço prestado aos valencianos. Agora (década de 60) está abandonada no cais da cidade, desprezada como objeto inútil. Nesse momento, Mariêta aproveita para fazer um breve paralelo com os idosos: “Lembra as pessoas que muito trabalharam, muitos serviram, e que um dia se veem inertes, abandonadas, esquecidas...” Suas crônicas, de certa maneira, estão a todo tempo refletindo sobre as armadilhas da modernidade e a respeito de suas consequências negativas sobre as pessoas. Em “A Industrial”, a autora acentua a reflexão, ainda que tangenciada, acerca do lugar dos velhos na sociedade moderna, destacando a sua inutilidade em tempos de rápidas substituições. Nesse mesmo tom de nostalgia, é construída a crônica “O pé de resedá” (QUEIROZ, 1963b) na qual a autora reflete sobre a desterritorialização dos velhos, deslocados de seu lugar de origem e, qual resedá, transplantados para outro ambiente. Inadaptados, ambos fenecem ao peso do ambiente e à perda das identidades. “O pé de resedá não resistiu, foi murchando, murchando, e morreu.../A velhinha foi entristecendo, entristecendo, e chorou...” (QUEIROZ, 1963b, p. 05). As crônicas de Marieta Queiroz soam - ligeiramente – como a própria velhinha da crônica supracitada, nesse entristecimento leve que culmina num choro lento e contido. A memória é o veículo para essa Sherazade do Baixo Sul ir desfendo seus fios de lembranças e ir tecendo e recompondo os costumes de outrora. Nesse trabalho de tecelã sobre os fios do tempo

perdido, ela unge suas narrativas com o tempero das saudades e lamenta a perda do passado, agora invadido pelas modernidades.

Em “Serenatas” (QUEIROZ,1963c), a cronista recupera um tempo de romantismo à moda antiga, em que o amor tinha outra dimensão mais concreta, mais demorada. “Em Valença houve muitas serenatas em noites de luar. Todas as casas fechadas, as ruas silenciosas pois não havia carros, caminhões, quanto mais lambrêtas, começava-se a ouvir sons distantes de maviolas músicas, sons que aumentavam quando os tocadores se aproximavam” (QUEIROZ, 1963c, p. 02). Com o passar dos anos, tudo se transforma, inclusive as formas de amar. “Desde o princípio do mundo que existe o amor, a palavra ainda não mudou, mas como mudaram os modos de se amar!”. (QUEIROZ, 1963c, p. 02)

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, como diz Camões, o poeta maior de Portugal. Para Mariêta Queiroz, mudam-se também os costumes. Na crônica “Costumes que acabaram” (QUEIROZ, 1963d), a autora faz uma verdadeira sociologia da cidade, evidenciando as mudanças ocorridas ao longo do tempo: o ritual de visitas do padre a um doente, os dias de Carnaval, as festas de Reis, os rituais nos velórios, os costumes na Semana Santa, etc. “No dia 5 de Janeiro, véspera do dia de Reis, saíam ranchos pelas ruas, altas horas da noite./ Ninguém dormia, era a noite mais alegre de Valença. Os ranchos da “Barquinha”, do “Craveiro”, da “Roseira”, e muitos outros, andavam pela cidade tôda, acompanhados pelo povo. As janelas se abriam para ver passar, ninguém se importava de interromper seu sono, pois eram alegres aquelas toadas bem cantadas, acompanhada por músicos”. (QUEIROZ, 1963d, p. 02).

Em relação ao jornal *Folha da cidade*, foram analisadas 56 edições (entre 1963 a 1973) e encontrados nove textos de autoria feminina, todos eles de natureza literária. O jornal era dirigido por Luiz Góes Teles e tinha como redator Dario Ferreira Queiroz. Entre seus colaboradores estavam Newton Libertador, Aristóteles Roseira, Nonito Tavares, Alberto Libâneo, Edvaldo Corrêa, José B. Troccoli, Galvão de Queiroz, Renatinho Queiroz e Mario Muniz. Dentre as autoras que aí publicaram estão Ana Rosa (um poema), Alba Tavares Ainsworth (um poema), Déa Vinhas Pereira (três poemas) e quatro crônicas de Mariêta Queiroz.

O poema de Ana Rosa, intitulado “Mãe” tem apenas valor sentimental. Trata-se de uma homenagem à sua mãe que, por sua vez, estende-se às outras mães valencianas. Sem trabalhar a linguagem, o texto envereda para o coloquialismo e para a reprodução do discurso masculino sobre a mulher, sobretudo sobre a mãe: “A você mãe Valenciana a minha dedicação/ A você que sabes realmente ser a Rainha do Lar” (ROSA, 1972, p. 04).

Os textos de Déa Vinhas Pereira, ou simplesmente Vinhas, discutem o tema da felicidade e o desencontro do sujeito com o objeto do desejo (“Vem felicidade), a saudade do amor ausente (“Traços de Saudades”) e a melancolia diante da hora final (“Pálido sepulcro”). A título de exemplo, vejamos uma quadra de seu poema “Traços de Saudades”, em que predomina o tom melancólico e triste: “Ao mar cheio de vagas tão frementes/A sussurrar o meu segredo insano/ Falei em pranto de uma tristeza ingente/E de um cruel e tão amargo abandono” (VINHAS, 1965, p. 04). O texto de Alba Tavares Ainsworth, intitulado “Você”, num subjetivismo romântico, dirige-se ao amado,

“narrando” a felicidade do encontro e a saudade nascida a partir do desencontro. Num tom de nulidade de si, o eu lírico assim termina o poema: “Posso dizer a vida, gritar vontade tenho/ Que és meu mundo querido!/ És amor, carinho, esperança!” (AINSWORTH, 1968, p.04). Por fim, os textos de Mariêta Queiroz publicados nesse jornal seguem a mesma linha temática daqueles publicados no *Jornal de Valença*. Retratam o cotidiano da cidade, refletem sobre a religiosidade e as tradições locais e, num tom filosofante, analisa as perspectivas pessimista e otimista em relação à existência.

Outro jornal de grande circulação na cidade de Valença foi *O Manacá*, fundado em 07 de junho de 1976, tendo como Diretor presidente o senhor José Carlos Bulcão de Oliveira. Compunham sua direção três mulheres: Bertulina Lourenço Oliveira (diretora financeira), Maria da Luz Bulcão Teixeira (diretora comercial) e Tânia Kruschewsky de Oliveira (redatora). Entretanto, apesar dessa presença feminina da direção, o jornal não tinha nenhuma seção voltada ao público feminino, nem mesmo uma coluna dirigida por mulher (pelo menos nas edições encontradas). Das poucas edições analisadas (somente nove), apenas encontramos dois textos de autoria feminina, escritos pela redatora do próprio jornal. Essas edições analisadas correspondem aos anos de 1982 a 1997.

Os textos de Tânia aparecem numa mesma edição, a de número 118, de junho de 1982. Trata-se de um poema que personifica o rio que divide a cidade de Valença. Intitulado “Rio Una”, o texto é composto por oito estrofes nas quais o sujeito poético dialoga, num tom de ternura e amizade, com seu interlocutor. Vejamos uma estrofe: “Acolhe barcos imensos que bailam/ em suas águas profundas.../ Parece sorrir com a algazarra daqueles/ que o tocam, que se banham felizes/ na beira do cáis” (KRUSCHEWSKY, 1982, p. 02). O outro texto, é uma crônica que versa sobre o envolvimento dos jovens com as drogas e como isso degrada o ser humano. “Fabricantes de lágrimas” é o título que a autora dá ao texto para atribuir a responsabilidade pelo sofrimento dos envolvidos (tantos os jovens quanto os seus familiares) aos agenciadores de drogas ou traficantes. A autora parte da observação de jovens usuários que estão indo a Morro de São Paulo para refletir sobre a degradação humana a partir do vício. Trata-se de um texto curto, que oscila entre a objetividade e a subjetividade. A participação feminina, diferentemente do que aconteceu até então, dá-se de forma mais profícua e numerosa no pequeno jornal editado nos anos setenta em Valença intitulado *O Aráivid*. O nome do jornal é um aportuguesamento do verbo inglês *to arrive* e contém em sua formação os seguintes nomes dos seus fundadores: A – Almerinda Almeida; AR – Antonio Raimundo; A- Antonio Assis; IV – Ivamar Queiroz; I – Irohiton Cunha; D – serviu para embelezar o nome. Como se vê, *O Aráivid* tinha como diretora-chefe a professora Almerinda Pinto Almeida e era um órgão semanal direcionado ao público jovem, mais especificamente, ao público estudantil. Tivemos acesso a apenas a cinco edições (1971) e aí encontramos oito textos escritos por mulheres da sociedade local. Além de textos literários (crônicas), encontramos artigo de opinião e uma entrevista, o que já aponta para uma nova perspectiva no que tange ao modo de enunciação da mulher nesse hebdomadário, muito embora os temas feministas ainda estejam muito distantes dessas pautas.



No texto “Educador, você é responsável”, a aluna Romilce conclama os docentes a apoiarem a ideia do jornal e se juntar aos estudantes em nome da construção de uma nova Valença para todos. Ressente-se do fato de muitos professores não apoiarem a causa e, do contrário, criticarem o projeto do jornal e duvidarem da capacidade dos estudantes. O texto de Macária Andrade (“Roma não se fez num dia”) segue nessa mesma linha de raciocínio, mas no sentido de combater o desânimo das pessoas no que tange à implantação de uma Faculdade na cidade. Macária foi professora na cidade, membro-fundadora da Academia Valenciana de Educação, Letras e Artes (AVELA) e escritora. Nesse texto, como grande entusiasta da educação, defende a necessidade da implantação de uma Faculdade na cidade, desejo que foi alcançado anos depois com a fundação de duas particulares e uma pública. Na edição de 24 de novembro de 1971 (Nº 07), Macária Andrade volta a tocar no tema com publicação do texto “Faculdade para Valença: conclamação aos estudantes”. Se no texto anterior ela dirigiu seu apelo aos administradores da cidade, aos professores e aos que desejavam o progresso da cidade, neste ela se dirige especificamente ao público estudantil. Outro texto da professora Macária Andrade, publicado na edição de número 05 (10 de novembro de 1971), foi o “Hino de exaltação à Valença”, que se tornaria o Hino Oficial da cidade. A letra é de sua autoria, a música é de Manoel Amâncio Rosas e o arranjo orquestral é de João Linhares. Trata-se de um texto que exalta e declara amor à cidade: “Eu me orgulho de ti minha terra,/ Sou teu filho, hei de sempre te amar./Este teu solo riqueza encerra/ E o teu povo te encerra num altar” (ANDRADE, 1971, p. 07)

Os outros textos que aparecem nesse jornal são de Josemary Dias (“Alguém à minha espera”), de América Nogueira Machado (“A mão”) e de Romilce (“Entre na roda do samba). Os dois primeiros possuem tom mais literário e espiritual enquanto o último discute sobre música popular brasileira, com ênfase em Gilberto Gil, Chico Buarque e Edu Lobo. Por fim, a entrevista da professora Maria Celeste Moura aborda – principalmente – questões relacionadas à educação, uma vez que ela era diretora do Colégio Estadual de Valença. Apesar de ser uma das diretoras que mais perdurou no cargo, não há nada na entrevista que aponta para questões relacionadas ao universo feminino. Isso também não aparece em nenhuma das edições encontradas. O jornal, conduzido por mulher, dirigido ao público juvenil, infelizmente, não trouxe em nenhum dos seus textos a pauta para o centro das reflexões, apenas deu voz a mulheres para discutir temas que estavam nas suas pautas mais pessoais.

Essa pauta só ganharia as páginas dos jornais com o surgimento do jornal *Valença Agora* a partir dos anos dois mil, mais especificamente em 04 de maio de 2001, quando começa a circular na cidade e na região do Baixo Sul. Foi fundado pelo economista e agricultor Dimpino da Purificação Carvalho que, logo em seguida, repassou o comando para o jornalista Vidalto Oiticica Pires, atual proprietário. Entre seu corpo de colaboradores estão algumas mulheres, como as escritoras Rosângela Góes, Celeste Martinez, Macária Andrade (já falecida) e Amália Grimaldi. Além delas, publicam-se textos variados de autoria feminina, quer seja do universo ficcional, quer seja da esfera não ficcional, promovendo debates sobre temáticas variadas que incluem, muitas vezes, as questões feministas e femininas. Durante esses dezenove anos de existência, esse semanário tem

dados visibilidade a escritoras da cidade e da região, acolhendo suas produções e publicando-as no caderno cultural.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após percorrermos um século de imprensa da cidade de Valença, identificando os textos de autoria feminina aí veiculados (apenas 53 das 261 edições), constatamos que, apesar da pouca expressividade, a história desse jornalismo também foi construída por mulheres, algumas anônimas (que se escondiam sob o véu dos pseudônimos), outras conservadoras, outras ainda mais afeitas ao subjetivismo e ao romantismo. As páginas dos jornais que circularam nessa cidade foram impingidas e impregnadas pela dicção feminina, muito embora essas vozes não tenham feito ecoar o grito de opressão, denunciando as contradições sociais, as subjugações históricas e as desigualdades de gênero.

Partimos da hipótese de que os textos de autoria feminina veiculados nos jornais valencianos ao longo do século XX acompanhariam as questões que atravessavam o cotidiano das mulheres nessa passagem dos anos. O que constatamos, a partir da análise do *corpus* de investigação, foi que as mulheres da cidade pareciam estar alheias a essas questões, passando ao longe do debate. Não encontramos nenhum texto (escrito por autoras locais) com posicionamento feminista ou que apontasse para aspectos da luta da mulher. O que predomina no *corpus* analisado é a presença de textos literários com temáticas subjetivas, voltadas para as questões do amor, do desencontro, do desejo e das questões existenciais. Prevaecem os textos poéticos que se aliam aos construídos em prosa, muitos deles, narrativa poética. Longe de expressar o descontentamento com as opressões masculinas, essas escritoras buscavam, no jornal, *locus* para o exercício da liberdade individual, das emoções aprisionadas e levar às outras um pouco de estados de alma, numa troca de subjetividades femininas.

Nesse sentido, esses textos contribuem para repensar a história da literatura local do século XX, predominantemente masculina. Os textos dessas autoras também constituem o campo literário valenciano e devem ser estudados e divulgados como tais. Este artigo contribui nesse sentido, o de dar visibilidade a essas autoras (a maioria) que caminharam também à margem da história da literatura do município, muitas delas, até então, de biografia desconhecida.

O uso de pseudônimos aponta para outra questão que marcou a história das mulheres no Ocidente. Apesar de esses textos escritos por valencianas que se valeram do pseudônimo não tratarem de temas destoantes das questões da época, ocultar-se atrás de um falso nome era uma estratégia de sobrevivência ou a condição mesma para escrever. Muitas delas eram casadas com pessoas influentes na sociedade da época; outras não tinham permissão dos maridos para escrever; algumas tinham medo do julgamento alheio e das próprias mulheres presas a uma tradição muito conservadora, sobretudo nas pequenas cidades do interior. Talvez, o ato de escrita, mesmo sob o disfarce do pseudônimo e mesmo quando esses textos não subvertiam o *status quo*, possa ser considerado um gesto de ousadia e de liberdade, se levarmos em consideração tudo que condicionava

essa mulher no contexto provinciano em que escreveram.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Macária Santos. Hino de exaltação à Valença. *O Arávid*, Valença (BA). 24 nov. 1971, N° 05, p. 07.

AINSWORTH, Alba Tavares. Você. *Folha da cidade*, Valença (BA), 06 abr. 1968, N° 35, p. 04.

BUTTONI, Dulcília Schoeder. *Mulher de Papel*. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CARVALHO, Alfredo de; TORRES, João Nepomuceno. *Anais da imprensa da Bahia*. Salvador: Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2007.

CENSO DEMOGRÁFICO 1950. *Censo demográfico: pessoas, famílias, domicílios*. Rio de Janeiro: IBGE, 1950.

CHAGAS, Maria de Lourdes. Um novo amor. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 26 out. 1963, n° 37, p. 03.

CROTMAN, Rachel. O voto. *O Município*, Valença (BA), 11 abr. 1936, n° 15, p. 01.

CROTMAN, Rachel. O momento feminista brasileiro. *O Provisório*, Valença (BA), 07 out. 1933, n° 20, p. 01.

GOMES, Elisabel. Coitado. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 16 mar. 1963, n° 05, p. 05.

ICÓ, Iara; SANTOS, Íris Gomes dos e OLIVEIRA, Natali Lordello. Caracterização geral da região do Baixo Sul. In: SANTOS, Íris Gomes dos; SCHOMMER, Paula Chies; ACCIOLY, Miguel da Costa. *Aprendendo com identidades e diversidades de comunidades tradicionais de pesca e mariscagem do Baixo Sul Baiano*. Salvador: CIAGS/UFBA; FAPESB; SECTI; CNPq, 2009.

KRUSCHEWSKY, Tânia. Rio Una. *Jornal O Manacá*, Valença (BA), jun. 1982, n° 118, p. 02.

LACERDA, Carmen de Faro. O dever de votar. *O Município*, Valença (BA), 02 out. 1937, n° 92, p. 01.

LÓRI SETTE. Romance ideal. *O Município*, Valença (BA), 15 maio 1937, n° 72, p. 03.

MAINGUENEAU, Dominique. Autoralidade e pseudonímia. *Revista da ABRALIN*, v.15, n.2, p. 101-117, jul./dez. 2016

OLIVEIRA, Edgard Otacílio da Silva. *Valença: dos primórdios à contemporaneidade*. 2. ed. Valença: JM Gráfica e Editora, 2009.

O MUNICÍPIO. Noites de São João. *O Município*, Valença (BA), 04 jul. 1936, n° 27, p. 04.

PENHA, Maria da. A mulher em face da presente organização (*sic*) social. *O Comércio*, Valença (BA), 22 abr. 1933, nº 14, p. 04.

QUEIROZ, Mariêta. A Industrial. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 02 mar. 1963a, nº 03, p. 03.

QUEIROZ, Mariêta. O pé de resedá. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 14 set. 1963b, nº 31, p. 05.

QUEIROZ, Mariêta. Serentas. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 06 jul. 1963c, nº 21, p. 02.

QUEIROZ, Mariêta. Costumes que se acabaram. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 01 jun. 1963d, nº 16, p. 02.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 7.ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 578-606.

ROSA, Ana. Mãe. *Folha da cidade*, Valença (BA), 17 mai. 1972, nº 227, p. 04.

SILVA, Gilson Antunes da. Mariêta Queiroz: uma vida dedicada à poesia, a Deus, à família e à música. *Jornal Valença Agora*, Valença (BA), 14-20 jun. 2018a, nº 685, p. A4 (Caderno de Cultura).

SILVA, Gilson Antunes da. Sobre os fios do tempo perdido: as crônicas de Mariêta Queiroz. *Jornal Valença Agora*, Valença (BA), 28 jun. - 04 jul. 2018b, nº 687, p. A4 (Caderno de Cultura).

SILVEIRINHA, Maria João. As mulheres e a afirmação histórica da profissão jornalística: contributos para uma não-ossificação da História do Jornalismo. In: *Revista Comunicação & Sociedade*. v. 21. 2012.

TEIXEIRA, Wirna. Falsidade. *Jornal de Valença*, Valença (BA), 06 jul. 1963, nº 21, p. 07.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção Tudo é história, 145).

TONA, Maria Suca Francisco. *Pseudónimos na Música e na Literatura Angolanas: Estratégia de Marketing ou Mecanismo de Ocultação Identitária?* 2018. 129f. (Mestrado em Estudos Lusófonos) – Faculdade de Artes e Letras, Universidade da Beira Interior, Covilhã (Portugal), 2018.

VIOLETA. Coisas que não gosto. *O Comércio*, Valença (BA), 21 jan.1933, nº 04, p. 04.

VINHAS, Déa. Traços de Saudades. *Folha da cidade*, Valença (BA), 17 abr. 1965, nº 33, p. 04.

**Gilson Antunes da Silva**

---

Possui graduação em Filosofia (UCSAL) e em Letras Vernáculas (UNEB). Mestre em Letras e doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia. Estuda a obra de Clarice Lispector sob uma perspectiva interdiscursiva, entrelaçando Literatura, Psicanálise e Filosofia.

Participa do Grupo de Pesquisa Literaturas, Culturas e Ambientes (GLICAM) no Instituto Federal Baiano (Valença) e atua na linha de pesquisa Literatura e Cultura do Baixo Sul da Bahia.

*Recebido em 25/08/2020.*

*Aceito em 30/09/2020.*